

O DIREITO NÃO JOGA AOS DADOS

(*Sampling*: Sérgio Mascarenhas de Almeida, janeiro de 2012)

«Provavelmente, nunca jogaram poker e não sabem que nós estamos numa guerra política e que o bluff, bom, se nós não tivermos que pagar, também não pagamos, mas numa primeira fase, bluff.»

(Paulo Nuno Santos, <http://tv1.rtp.pt/noticias/?article=509974&&headline=20&visual=9&tm=9&>)

Numa primeira fase, bluff

«o homem tem direito à sua própria *veracidade* (*veracitas*), isto é, à verdade subjectiva na sua pessoa» (Kant I. 1988, 174).

«Mas a falta de sinceridade enquanto falta de veracidade na comunicação real dos nossos pensamentos é em tudo diferente dessa abertura de coração que não temos o direito, parece, de exigir totalmente à natureza humana ... Essa reserva é inerente aos limites da nossa natureza e não corrompe, a bem falar, o carater mas é apenas um mal que impede de dele se tirar todo o bem possível. A falta de sinceridade, pelo contrário, é uma corrupção da maneira de pensar e algo de intrinsecamente mau. Aquele que é sincero mas reservado (que não tem abertura de coração) diz, é certo, sempre a verdade, mas não diz toda a verdade. Pelo contrário, o insincero diz coisas de que tem consciência de que são falsas» (Kant I. 1969, 143).

«se a falsifico [uma declaração], cometo ... *em geral* uma injustiça na parte mais essencial do Direito: isto é, faço tanto quanto de mim depende que as declarações em geral não tenham crédito algum ... a mentira ... prejudica sempre outrem, mesmo se não é um homem determinado, mas sim a humanidade em geral, ao inutilizar a fonte do direito» (Kant I. 1988, 174-175).

«Não é na aptidão às meias-mentiras, aos estratagemas, às práticas astuciosas e às fintas que consiste plenamente a arte política e situá-la aí, é enganar-se profundamente» (Fichte J. 1981, 67).

Nós estamos numa guerra política

«O ser que perdeu a sua independência perdeu ao mesmo tempo a faculdade de intervir no decurso do tempo e de lhe determinar livremente o conteúdo» (Fichte J. 1992, 52).

«os povos que se distinguiram eminentemente na guerra diferenciaram-se dos vencidos pela sua situação civil e não por uma maior habitação ao combate pessoal ... o primeiro ponto, a situação civil, é questão de constituição e de educação; o segundo, a utilização correta do potencial militar, é questão da arte militar» (Clausewitz C. 1981, 201).

«Às leis universais da moral, deve o príncipe atender-se na sua vida privada ... na sua relação ao seu povo (em tempo de paz) deve atender-se à lei e ao direito ... mas nas

relações com outros povos, não há lei nem direito, exceto o direito do mais forte» (Fichte J. 1981, 62).

«nunca se fiar na palavra dum outro estado quando ele pode ser obrigado a dar uma garantia» (Fichte J. 1981, 60).

Se nós não tivermos que pagar, também não pagamos

«As causas das nossas misérias ... são o espírito global da época, os erros, a ignorância, a ligeireza, a cobardia e o comportamento incerto que lhes é inseparável, em breve, o conjunto dos usos dos tempos» (Fichte J. 1992, 344-345).

«Dado que os homens permanecem falíveis, só podem cometer faltas; e mesmo se chegarem a escapar às dos seus predecessores, encontrarão muito facilmente, no campo infinito da falibilidade, novas faltas para cometer» (Fichte J. 1992, 345).

Provavelmente, nunca jogaram poker

«é uma blasfémia considerar que ... tudo se decidiria por um acaso cego e desprovido de razão» (Fichte J. 1981, 82).

«o verdadeiro infortúnio é a desconfiança relativa à possibilidade de compreender verdadeiramente as coisas e de ter um poder verdadeiro sobre elas e o abandono desencorajado ao destino cego e a tudo o que ele quereria fazer de nós» (Fichte J. 1981, 82-83).

O direito não joga aos dados

«pois em toda a arte é o espírito que é o inimigo natural de tudo o que não é mais que pose» (Clausewitz C. 1981, 202).

«A luta armada terminou; uma nova luta começa queiremo-lo nós: a dos princípios, dos costumes, do carater» (Fichte J. 1992, 337).

«Porque a veracidade é um dever que tem de considerar-se como a base de todos os deveres a fundar num contrato e cuja lei, quando se lhe permite também a mínima excepção, se torna vacilante e inútil» (Kant I. 1988, 176).

Agradeço a:

CLAUSEWITZ C. 1981 CLAUSEWITZ, Carl von. «Lettre de Clausewitz a Fichte sur le Machiavel (1809)». In FICHTE J. 1981, 197-203).

FICHTE J. 1981 FICHTE, Johann Gottlieb, *Maquiavel et autres écrits philosophiques et politiques de 1806-1807*, Payot, Paris, 1981.

FICHTE J. 1992 FICHTE, Johann Gottlieb, *Discours à la nation allemande*, Imprimerie Nationale, ?, 1992.

KANT E. 1969 KANT, Emmanuel. *Lettres sur la morale et la religion*. Paris: Aubier, 1969.

KANT I. 1988 KANT, Immanuel. «Sobre um suposto direito de mentir por amor à humanidade». *A paz perpétua e outros opúsculos*. Lisboa: Edições 70, 1988.